

## A NOITE

A nebulosidade ameaçadora  
Tolda o éter, mancha a gleba, agride os rios  
E urde amplas teias de carvões sombrios  
No ar que álcree radiante, há instantes, fora.  
A água transubstancia-se. A onda estoura  
Na negridão do oceano e entre os navios  
Troa bárbara zoadada de ais bravios,  
Extraordinariamente atordoadora.  
A custódia do anímico registro  
A planetária escuridão se anexa...  
Somente, iguais a espíões que acordam cedo,  
Ficam brilhando com fulgor sinistro  
Dentro da treva onímoda e complexa  
Os olhos fundos dos que estão com medo!

## A obsessão do sangueA OBSESSÃO DO SANGUE

Acordou, vendo sangue... Horrível! O osso  
Frontal em fogo... Ia talvez morrer,  
Disse. Olhou-se no espelho. Era tão moço,  
Ah! certamente não podia ser!  
Levantou-se. E, eis que viu, antes do almoço,  
Na mão dos açougueiros, a escorrer  
Fita rubra de sangue muito grosso,  
A carne que ele havia de comer!  
No inferno da visão alucinada,  
Viu montanhas de sangue enchendo a estrada,  
Viu vísceras vermelhas pelo chão...  
E amou, com um berro bárbaro de gozo,  
O monocromatismo monstruoso  
Daquela universal vermelhidão!